

# O QUE É QUE O EGIPTO E A TUNÍSIA TÊM A VER COM PORTUGAL?

20-Fev-2011

OpiniÃo

Texto de Carlos Vieira e Castro

Â

O  
 â€œtunisamiâ€ da insurreiÃo democrÃtica e pacÃfica que estÃ a  
 alastrar pelos paÃses Ãrabes do Norte de Ãfrica e do MÃdio  
 Oriente veio desconstruir a imagem estereotipada dos povos desses  
 paÃses como gente atrasada, constituÃda maioritariamente por  
 muÃsulmanos fundamentalistas, ou por eles facilmente manipulÃveis,  
 que nos tem vindo a ser pintada, nas Ãltimas duas dÃcadas, por  
 dirigentes polÃticos ocidentais, alguns comentadores encartados na  
 comunicaÃo social e atÃ por membros da hierarquia da Igreja  
 catÃlica. Estou a referir-me, por exemplo, Ã s declaraÃes do  
 cardeal patriarca de Lisboa no inÃcio de 2009, quando, numa  
 tertÃlia, aconselhou as mulheres catÃlicas a terem muita cautela  
 nas relaÃes amorosas e no casamento com muÃsulmanos, no que foi  
 apoiado pelo cardeal JosÃ Saraiva Martins; o facto de se estrebarem  
 em casos reais mais facilmente os deveria levar a aconselhar o dobro  
 do cuidado no casamento com homens catÃlicos, jÃ que,  
 provavelmente, sÃ-lo-Ão a maioria dos assassinos das 43 mulheres  
 vÃtimas de violÃncia domÃstica no ano passado, em Portugal.

O  
 papÃo do fundamentalismo islâmico veio substituir o papÃo do  
 comunismo no discurso dos governantes ocidentais de justificaÃo  
 das relaÃes imperialistas, colonialistas e neocolonialistas com os  
 povos Ãrabes. No entanto, a religiÃo - como esclarece o escritor  
 libanÃs Amin Maalouf, no seu livro â€œOrigensâ€ - apenas veio  
 substituir o fracassado nacionalismo como elemento identÃrio  
 daqueles povos. Por regra, a religiÃo nÃo se escolhe, nasce-se com  
 ela, tal como a nacionalidade e a famÃlia (o tripÃ da naÃo â€“  
 â€œDeus, PÃtria, FamÃliaâ€ - que Salazar nÃo autorizava  
 discutir), logo, Ã um forte elemento de identificaÃo comunitÃria,  
 fÃcil substituto da cultura. Mas foram, os paÃses ocidentais que  
 deram forÃa aos fundamentalistas muÃsulmanos ao transformarem-nos em  
 aliados na luta contra o comunismo, como quando financiaram os  
 mujahedines no AfeganistÃo ou a ditadura de Suharto que massacrrou  
 milhÃes de comunistas indonÃsios e o povo inocente de Timor Leste.

Quem se revoltou na  
 TunÃsia foram os jovens, desempregados com formaÃo secundÃria ou  
 universitÃria ou com trabalhos precÃrios, e uma classe mÃdia  
 laicizada, que fizeram das redes sociais (na Internet) a sua  
 principal forma de organizaÃo e comunicaÃo. Foi a circulaÃo  
 pelas redes sociais de um vÃdeo do acto desesperado de um jovem de  
 26 anos, que se imolou pelo fogo, depois de lhe ter sido confiscado,  
 por polÃcias corruptos, o carrinho de venda ambulante de fruta, com

que fugia ao desemprego apesar do curso secundário, que despoletou a Revolução de Jasmim, que, após a greve geral convocada pela União Geral dos Trabalhadores Tunisinos, e de sucessivas revoltas em várias cidades violentamente reprimidas (a Federação Internacional dos Direitos Humanos fala em mais de 20 mortos, mas há quem diga que foram mais de 70), haveria de levar à fuga do ditador Ben Ali.

Também no Egipto os protestos começaram contra o desemprego e a precariedade entre os mais jovens (70% da população tem menos de 30 anos), a corrupção, o aumento desenfreado dos preços que agravou a pobreza (quase metade da população de 80 milhões vive abaixo do limiar da pobreza) e a falta de liberdade. A classe alta pertence 25% da população e destes apenas 5% dominam o aparelho de poder, onde se gere a corrupção que mina o país.

A única diferença com a realidade portuguesa é que a nossa população está mais envelhecida e não temos um ditador há trinta anos, mas antes uma elite corrupta que se reparte por dois partidos que alternam (sem ofensa) no poder, e iguais como duas metades do mesmo zero como diria Guerra Junqueiro. Por algum motivo o PS votou ao lado do PSD (o CDS absteve-se) contra um voto de solidariedade com a luta do povo do Egipto pela democracia, apresentado pelo BE no Parlamento

O vice-presidente dos EUA, Joseph Biden disse que não chamaria ditador a Mubarak. Compreendo que tenha dificuldade em justificar o apoio militar que os EUA têm dado ao Egipto (1,3 mil milhões de dólares por ano, para além de 800 milhões de ajuda económica), o maior receptor, a seguir a Israel, da ajuda militar de Washington, que também tem apoiado a Tunísia, a Jordânia e a Colômbia. Tudo bons rapazes!

Também Tony Blair elogiou Mubarak como um grande patriota. Não admira, já que Mubarak e Ben Ali eram membros da Internacional Socialista de Blair e Sácrates e são agora, depois da revolta dos seus povos, que foram expulsos..

Quem não concorda com Blair são os egípcios que sofreram a repressão de Mubarak e Omar Suleiman (que o ditador nomeou seu vice-presidente, ex-chefe dos serviços secretos, apoiado pelos EUA ou não fosse conhecido como agente da CIA - é tido odiado como Mubarak pelos manifestantes que já exigiram a sua demissão). Os serviços secretos não devem ser estranhos à repressão que já provocou mais de 300 mortos e milhares das milícias não uniformizadas, não são na Praça da Libertação, no Cairo, como noutras cidades e vilas do interior.

Seja qual for o desfecho da revolta no Egipto, o fim da ditadura de Mubarak representa uma vitória histórica e um exemplo para todos os povos do mundo. Ficam-nos na memória as imagens da festa, da alegria e da vontade de mudança de um povo a subir para cima dos

tanques grafitados com palavras de ordem como "Revolução é investimento!" ou "Mubarak vai-te embora!", a lembrar o nosso 25 de Abril. Em Garden City, nos subúrbios do Cairo, manifestantes ofereciam laranjas aos soldados, a recordar-nos, também, a oferta aos militares de Abril dos cravos que haveriam de dar a alcunha à nossa Revolução de 1974.

Afinal,  
o Egito e a Tunísia estão aqui tão perto!